



## Desvendando o Mecanismo da Projeção

---

*Ana Lucia Barreto da Fonsêca*<sup>1</sup>

*Universidade Federal do Vale do São Francisco – Bahia/Brasil*

*Maria do Socorro Sales Mariano*<sup>2</sup>

*Faculdade Pio Décimo/UNIT – Sergipe/Brasil*

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo apresentar as variadas concepções sobre a projeção, perpassando pelos estudos da neurociência, com ênfase na psicanálise, fundando a produção de instrumentos projetivos. O estudo da projeção prevê, em geral, a perspectiva de algo que se desloca de um lugar para outro e neste ínterim sofre alguma transformação, de modo que, o objeto original não é exatamente igual ao final, mantendo apenas algumas características que o identificam. Com base nos pressupostos da projeção psicanalítica, foram estruturados diversos instrumentos que servem como desencadeador do processo projetivo nas mais diferentes intervenções do psicólogo.

**Palavras-chave:** Projeção, neurociência e psicanálise.

### Developing the Mechanism of Projection

**Abstract:** This paper aims to present the various conceptions of the projection, pass through for studies of neuroscience, with emphasis on psychoanalysis, founding the production of instruments projects. The study provides the projection, in general, the prospect of something that moves from one place to another and in this meantime suffer any transformation, so that the original object is not exactly like the end, leaving only some characteristics that identify. Under the projection of psychotherapy, were structured various instruments that serve as launching the process project in the different interventions of the psychologist.

**Keywords:** Projection, neuroscience and psychoanalyze.

---

<sup>1</sup> Professora do Colegiado de Psicologia da Universidade Federal do Vale São Francisco, doutoranda em Psicologia na UFES, Mestrado em Educação pela UFBA, Psicóloga e Assistente Social.

<sup>2</sup> Professora do Curso de Psicologia da Faculdade Pio Décimo e da Universidade Tiradentes em Sergipe, Mestrado em Psicologia pela UFPB e Psicóloga.



O estudo da projeção está associado a diversas áreas do conhecimento, entre elas encontramos a física, a fisiologia, a neurologia e a psicologia. Embora cada uma dessas áreas tenha seu próprio modo de compreender o processo projetivo, em comum encontra-se a perspectiva de deslocamento de algo que no trajeto passa por alterações que resultam em algo “novo”, com alguma similaridade que o remete ao objeto original.

O termo projeção tem sua origem vinculada aos estudos da neurofisiologia, considerando-a uma operação pela qual um evento é deslocado do meio externo e localizado no meio interno, correspondendo as respostas do organismo às sensações e percepções neurológicas que lhe forem provocadas. A captação de estímulos sensoriais provenientes do ambiente é conectada as áreas adequadas do Sistema Nervoso Central e conjuntamente com as experiências anteriores, transformam-se em respostas comportamentais.

Os estudos relativos à projeção sob o foco da neurologia iniciaram com questões relativas ao aparelho ótico, estendendo-se para as transmissões sensoriais provocadas por estímulos externos e internos ao organismo. Na projeção ótica, buscava-se compreender como ocorre o processamento da imagem captada do meio externo pelo olho, o registro na retina e a decodificação das informações pelo cérebro, através dos nervos do sistema ótico, realizando o processo de elaboração visual da imagem externa. Assim, quando há algum comprometimento neurológico ou cognitivo, em qualquer das etapas necessárias ao processamento das informações, a projeção da imagem no cérebro é alterada, alterando a percepção do real. Dessa forma, quando é referendado algo sobre projeção pensa-se primeiro na relação estabelecida entre os aspectos da transposição ou decodificação de imagens.

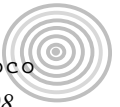
Os conhecimentos da neuro-oftalmologia serviram de referência para a psicologia tentar explicar alguns comportamentos humanos diante de estímulos do ambientes. A ciência psicológica passou a utilizar o conceito projeção definindo-a como uma resposta comportamental que ocorresse em consequência a relação sujeito-objeto – estes

últimos sendo materiais ou humanos, definindo que esta ocorre através de uma operação projetiva. Sob este prisma todas as produções humanas, da mais involuntária a mais autônoma, manifestam alguma relação entre experiências passadas e recentes que refletem nas respostas comportamentais. (STEMBERG, 2004)

Stemberg (2004) apresenta os trabalhos do alemão Fechner no século XIX, com pesquisas sobre sensação e percepção de estímulos, entre os mais importantes está à definição empírica relativa a quantidade de sensação (qualidade mental), em seus estudos, este cientista estabeleceu uma relação direta com a quantidade de estímulo a que o sujeito está submetido [qualidade física ou material] e a resposta comportamental.

Um outro ponto de referência para o estudo da projeção em psicologia é destacado por Laplanche e Pontalis (1986, p.479) quanto aos processos psicológicos da projeção, no que diz respeito às relações interpessoais, descrito da seguinte forma;

- O indivíduo percebe o meio ambiente e lhe responde de acordo com seus “[...] interesses, aptidões, expectativas e desejos [...]”. Os sujeitos escolhem seus pares por afinidade, semelhança, de tal sorte que as amizades se constituem, em geral, por proximidade territorial, político, profissional.
- “O indivíduo mostra pela sua atitude que assimila determinada pessoa a outra”. Como exemplo tem-se a situação de projetar a imagem do pai sobre o patrão, comportando-se com este tomando como referência a relação estabelecida com aquele. Se submisso ou rebelde ao poder instituído, mantém o estilo de relação nos demais contextos. Este processo projetivo é muitas vezes denominado como transferência – porém, este vínculo está definido diretamente na relação terapêutica.
- “O indivíduo assimila-se a pessoas estranhas ou, inversamente, assimila-se a si mesmo pessoas” [...], a personagens romanescos ou seres inanimados (animais, plantas). Coloca-se na perspectiva de uma heroína de novela, passa a



desejar encontrar o herói cinematográfico, ou imagina-se super-herói (comum em crianças na idade pré-escolar). Este processo também é conhecido como identificação.

- “O indivíduo atribui a outrem as tendências, os desejos, etc., que desconhece em si [...]”. Conteúdos inconscientes que foram recalçados deslocam-se para o meio externo e são dirigidos a outros (sujeitos e/ou objetos) como estratégia de satisfação.

Dentre as teorias psicológicas, a que mais utiliza a projeção no arcabouço teórico é a Psicanálise. Para explicitar a manifestação da projeção, a teoria psicanalítica ampliou o sentido e definição do conceito, concebendo-a como uma operação na qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro, pessoa ou coisa, as qualidades, os desejos, os afetos, os sentimentos e até mesmo os “objetos” que estão internalizados e ele desdenha e/ou recusa aceitar e/ou admitir que lhe são pertencentes. (LAPLANCHE E PONTALIS, 1986). Para justificar a existência dos eventos por eles produzidos, o indivíduo desloca-os para alguém ou alguma coisa que esteja fora, realizando uma ação projetiva.

Sandler (1989, p.14) afirma que Freud usou este termo de várias formas, mas, no sentido amplo, “[...] como a tendência a buscar uma causa externa, antes que interna [...]”. Assim, se algo é modificado no interior, tende-se a buscar explicar como sendo resultado de acontecimentos internos ou externos, e se há dificuldade em aceitar a causa interna, de imediato, a dirigimos para o exterior.

Para Freud (apud Laplanche e Pontalis, 1986), a projeção é uma defesa de origem muito arcaica, encontrada em ação particularmente nos casos de paranóia. Entretanto, para Freud, esta defesa também está presente em modos de pensar das pessoas consideradas “normais”, um exemplo é o comportamento do supersticioso. No caso do paciente paranóico, o sintoma mais presente é o delírio persecutório, em que o sujeito elege uma pessoa ou um grupo específico de pessoas que acredita ter intenção de atingi-lo, prejudicá-lo. O sujeito paranóico passa a temer ser prejudicado, criando estratégias para a sua proteção. Nesta condição, todos os eventos que, de alguma forma, o

atinjam negativamente, são considerados sob a responsabilidade àquele(s) que ele projeta o delírio persecutório.

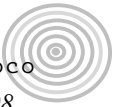
A pessoa acometida pela paranóia justifica seu delírio, porém não apresenta nenhum fundamento de realidade, torna-se difícil estabelecer um nexos lógico entre o real e o imaginário, o que promove a manutenção de comportamentos inadequados às condições contextuais.

Ao estudar um caso clínico de paranóia, o Caso Schreber, Freud (1887 – 1902/1985) detectou a existência de estratégias que serviriam como mecanismo de defesa dos conteúdos provenientes do inconsciente. Para este teórico, o sujeito paranóico projeta na pessoa ou grupo de pessoas os sentimentos, desejos, qualidades que existem no seu inconsciente, mas que não pode suportar e/ou admitir possuí-los. Com isto, ele desloca os conteúdos de dentro de si para fora e os teme, já que os mesmos retornam em sua direção ameaçando-o, agora ele é vítima, localizando os conteúdos internos no externo.

Embora sofra muito, para o sujeito é mais fácil tolerar, pois o destitui da responsabilidade sobre a existência de algo condenável, danoso, protegendo-o da punição, da culpa, do julgamento. O sofrimento diante do delírio de perseguição o coloca no lugar da vítima, necessitando de cuidados e proteção. Dessa forma, os sofrimentos e angústias decorrentes dos conteúdos inconscientes inapropriados é diluído, protegendo o ego, lançando a projeção como mecanismo de defesa. (FREUD, 1887-1902/1985)

Apesar de ter percebido a existência dos mecanismos de defesa projetivos no estudo da paranóia, Freud (1915 – 1926/1985) os vincula a uma grande variedade de manifestações psíquicas; como as fobias, o masoquismo, o sadismo. O autor acima ainda acrescenta que há presença desses mecanismos em manifestações grupais de diferentes contextos e relações humanas; como a religião, o preconceito, a cultura, de modo a expandir a projeção como mecanismo de defesa comum a todos os indivíduos.

Para Freud (1915-1926/1985) o mecanismo projetivo consiste em procurar no exterior a origem



de um desprazer, defendendo o sujeito daqueles sentimentos, desejos, que não suportaria percebê-los como próprios. Segundo Laplanche e Pontalis (1986), para Freud, a projeção se origina na pulsão – excitação geradora de tensão, geralmente proveniente da sexualidade. Esta excitação é dividida em pulsão de vida – produtora de energia vital e mantenedora do sujeito em funcionamento – e a pulsão de morte – produtora de processos destrutivos.

A pulsão de vida é aquela que se pode fugir e se proteger, já na pulsão de morte, o sujeito não tem como fugir e nem se proteger, por conto disto é produtora de grande carga de sofrimento. Dessa forma, há uma articulação entre a dinâmica projetiva e a pulsão de vida cujo objetivo é diminuir a pressão dispensada pela pulsão de morte diante de algo desagradável, produzindo um estado de fuga que o leva a procurar no exterior as causas dos seus desconfortos. (LAPLANCHE & PONTALIS, 1986).

Novick & Kelly (Apud Sandler, 1989, p.23) defende um ponto de comunhão entre as formas de definir o conceito de projeção.

“As diferenças nas várias definições de projeção como defesa conduziram à essência de uma idéia de ‘projeção propriamente dita’, vista como sendo uma defesa contra um derivado pulsional específico dirigido no sentido do objeto’ e ‘motivado pela seqüência de perigos fantasiados conseqüentes à expressão de pulsão” (Crivo do autor).

Para melhor compreender a ação da projeção, é essencial esclarecer a direta relação desta com o funcionamento da estrutura psíquica e seus componentes; Id, Ego e Superego, estabelecendo a inter-relação entre estas instâncias psíquicas e suas formas de manifestação.

O Id, enquanto estrutura primária, instintiva e natural, desenvolve e manifesta espontaneamente as reações dos sujeitos, com respostas às sensações e percepções provenientes do meio interno e/ou externo. “O Id constitui o pólo pulsional da personalidade; os seus conteúdos, expressões psíquicas das pulsões, são inconscientes, em parte hereditários e inatos e em parte recalçados e adquiridos”. (LAPLANCHE & PONTALIS, 1986, p.285).

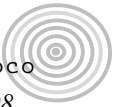
O Superego é constituído na relação estabelecida entre o indivíduo e o meio social, a cultura com suas normas, valores, padrões comportamentais, cumprindo a função de filtrar os conteúdos internos, só permitindo a manifestação dos conteúdos adequados ao meio externo. (LAPLANCHE & PONTALIS, 1986)

“Freud vê na consciência moral, na auto-observação, na formação de idéias, funções do superego. [...] é definido como herdeiro do complexo de Édipo; constitui-se por interiorização das exigências e das interdições parentais”. (LAPLANCHE & PONTALIS, 1986, p. 643)

O Ego aparece como instância psíquica que estabelece uma relação de dependência com as necessidades do Id e as imposições do Superego, tentando manter-se em contato com a realidade. A princípio seria a consciência, pois é nela que estarão presentes os conteúdos que o sujeito necessita para manter-se conectado com a realidade externa, mas o Ego defende a personalidade dos conflitos eminentes da estrutura neurótica. Isto ocorre através dos mecanismos de defesa que o protege dos conteúdos angustiantes. (LAPLANCHE & PONTALIS, 1986)

“[...] aparelho adaptativo, diferenciado a partir do id em contato com a realidade exterior, quer definindo-o como o produto de identificações que levam à formação no seio da pessoa de um objecto de amor investido pelo id [...] o ego é mais vasto do que o sistema pré-consciente, na medida em que as suas operações defensivas são em grande parte inconscientes. (Laplanche & Pontalis, 1986, 171-172).

Entretanto, a relação entre estas três estruturas não é harmoniosa, pois o Id produz sentimentos, desejos que, muitas vezes, são contrários ao que o Superego considera adequado à consciência, já que este é instituído pelas regras sociais de determinado contexto, o que produz conflitos internos em vista do choque entre o que é desejado e o que é permitido desejar. Este conflito é constante, sempre há algo que é barrado, e o processo de resolução dos conflitos gera sofrimentos psíquicos, e para manifestarem-se no Ego, têm que sofrer transformações – redimensionando os conteúdos originais - que impeçam conhecê-los



conscientemente. (LAPLANCHE & PONTALIS, 1986).

Em sendo o Superego responsável pela filtragem dos conteúdos provenientes do Id, ele tem que bloquear a ação da força instintiva dos desejos, sentimentos produzidos pelo Id, no entanto, o exercício dessa função é bastante oneroso ao psiquismo, tendo em vista o potencial de reestruturação e manipulação do Id. Por conta disto, o Superego não consegue barrar alguns conteúdos e estes terminam por chegar ao Ego. E embora se manifestem na consciência, os conteúdos do Id têm que submetê-los ao crivo do Superego. Para tanto, os conteúdos instintivos ou pulsionais sofrem várias alterações para se adaptarem e se manifestarem no Ego sob a forma de diferentes sintomas. (LAPLANCHE E PONTALIS, 1986)

Laplanche e Pontalis (1986) defendem que o Ego é produto do Id em constante adaptação às exigências provindas do meio externo, estando o Superego vigilante quanto ao cumprimento das regras sociais. Os conteúdos inconscientes passam por um processo de “decodificação” para se manifestarem no funcionamento psíquico dos sujeitos, denunciado através dos sintomas. Os sintomas seriam então, a manifestação de diversos conteúdos recalçados do inconsciente que necessitam realizar-se, mas também necessitam de uma forma de proteção do psiquismo, utilizando-se dos mecanismos de defesa, que transformam conteúdos reprimidos em algo que se manifesta na consciência sem ser capaz de denunciar os conteúdos primários; alguns dos mecanismos de defesa são conhecidos como atos falhos, sonhos e projeções.

As manifestações do inconsciente ocorrem através da deformação do seu conteúdo, na tentativa de burlar a interferência do Superego, para, de alguma forma, aparecer como produto das ações de cada sujeito, sem que ele possa se dar conta do significado original. Desse modo, quando a estrutura psíquica constitui a neurose - relação entre o Complexo de Édipo e o Complexo de Castração dentro dos padrões normativos do superego atuante - demonstra dificuldades e conflitos internos em todas as instâncias da vida, pessoal e profissional.

Para a teoria psicanalista, em todas as expressões humanas há a denuncia de conteúdos inconscientes, com isto, os conflitos, os desejos, desafetos estão presentes em tudo que fazem, dizem, mesmo que, de maneira distorcida, isto porque todo o funcionamento psíquico resulta do modo como os complexos foram elaborados. Então, ao analisar o discurso, a produção dos indivíduos, é inevitável aproximar-se dos conteúdos mais inconscientes – mecanismo que decorre do processo projetivo.

Tomando por base esse pressuposto, alguns estudiosos montaram instrumentos que facilitassem o acesso aos conteúdos internos, que pudessem auxiliar a captação da manifestação dos conteúdos internos e compreensão dos sofrimentos psíquicos. Os instrumentos construídos para conhecer as ações do inconsciente foram denominados de técnicas projetivas.

Embora Freud já utilizasse o termo mecanismo projetivo na formulação teórica do estudo do caso “Schereber” em 1913, o uso da expressão “projetivo” enquanto algo relacionado a manifestações inconscientes em produções humanas foi utilizada pela primeira vez por L. K. Frank, em 1939. Este autor utilizou o termo projetivo para explicar a relação de “parentesco” existente entre o teste de Associação de Palavras de Jung de 1904, o teste de manchas de tintas de Rorschach de 1920, o teste do Desenho em 1923 e TAT (Teste de Apercepção Temática) de Murray em 1935. Frank afirmou que estes testes levam a uma investigação dinâmica e holística da personalidade, sendo um dos grandes instrumentos que o psicólogo dispõe na elaboração de um psicodiagnóstico.

Quando se fala em teste, vislumbra-se uma padronização e escolagem tão presentes nos testes de aptidão, isto abre um leque de discussões em torno na sua validação, já que esses aspectos não estão presentes nos testes projetivos. Estes testes proporcionam o conhecimento mais efetivo da estrutura de personalidade do sujeito, e através do seu material ambíguo, permite que os indivíduos se expressem com liberdade, sem relação com acertos ou erros. A sua base teórica é a Psicanálise e a Psicologia da forma.



O termo projeção, utilizado por Frank, para alguns estilos de testes psicológicos, ampliou-se em psicologia por conta do sentido da palavra que está relacionado com evocações de multidimensionalidades, especificidades e fecundidades. O primeiro denota uma ação física, por analogia metafórica, como visto acima, Freud designou que a Projeção é uma ação psíquica característica da paranóia, que expulsa da consciência os sentimentos repreensíveis, atribuindo-os a outra pessoa. Neste ponto, o sujeito no teste projetivo, descarrega no material, tudo que recusa ser. (ANZIEU, 1981)

Anzieu (1981) afirma que o segundo sentido é matemático, da geometria projetiva. Por analogia, o teste leva o sujeito a produzir um protocolo de respostas com uma estruturação correspondente à estrutura da sua personalidade, na qual ficarão conservadas todas as características desta. O terceiro sentido é originário do século XIX, na ótica, a teoria da projeção luminosa. A psicologia utiliza esta teoria na percepção da projeção dos dados afetivos, que são interiores e se exteriorizam através dos relatos ou desenhos realizados pelos sujeitos em teste. Freud utilizou o termo projeção no mesmo sentido da ótica.

A teoria psicanalítica de Freud utiliza a projeção em dois momentos distintos, embora seja de maneira continuada. Freud fala da projeção como um mecanismo de paranóia, usa o termo para explicar a repressão nos sintomas histéricos, na manipulação das resistências e da transferência que permite o tratamento dos sintomas. Desse modo, a projeção se manifesta por intermédio dos sintomas, aquilo que foi reprimido se manifesta na personalidade do sujeito de forma projetiva, para defender a consciência da repressão e libertar aquilo que está reprimido. No correr da obra, Freud explica mais detalhadamente os mecanismos de projeção, definindo-a como uma percepção interna que é reprimida e é substituída por outras formas de manifestação. O conteúdo, após sofrer certas deformações, chega à consciência sob a forma de uma percepção provinda do exterior. (ANASTASI & URBINA, 1996; CUNHA, 2000).

Segundo Cunha (2000), o teste projetivo tem bases semelhantes e diferentes em relação à psicanálise, nesta o cliente é convidado a falar livremente, sem um tema desencadeante, sem diretriz, as idéias, impressões e sentimentos vão se apresentando à consciência durante as verbalizações do sujeito. No teste projetivo, o sujeito tem liberdade de falar, contudo, há uma duração a ser seguida, com a apresentação do material, permite desencadear sua subjetividade e o inquérito realizado no final do teste direciona a fala do sujeito.

Durante a aplicação do teste, o cliente tem liberdade para verbalizar o que desejar, dentro de uma compreensão particular, mas tem um material ao qual ele deve estar conectado, e o modo como esse processo se dá possibilita as várias interpretações. Outra diferença existente entre a psicanálise e os testes projetivos diz respeito ao número de sessões. Na primeira não há limite no número de sessões, enquanto na segunda, o número de sessões é determinado pelo teste projetivo aplicado. (ANASTASI & URBINA, 1996; CUNHA, 2000)

Os testes projetivos são passíveis de uma interpretação psicolinguística, composta de dois eixos distintos da linguagem, a função paradigmática (código) e a função sintagmática (mensagem). No teste de Rorschach, se utiliza essencialmente a função paradigmática, pois o que se utiliza não é a resposta em si, mas o que ela significa combinada com outras respostas. (ANZIEU, 1981)

No TAT, por exemplo, as instruções levam para que o sujeito use a função sintagmática, ou seja, o que vai ser analisado é a mensagem que está expressa na história, ele é um teste mais estruturado do que o Rorschach, pelo fato de que as suas imagens contêm elementos, personagens, que são percebidos por todos os sujeitos. Apenas os psicóticos não percebem as imagens como lhe são apresentadas. Na interpretação do TAT, dar-se ênfase ao verbo, enquanto enunciado de uma ação do herói. Algumas personalidades neuróticas são reconhecidas na alteração da função sintagmática, como temas múltiplos, ausência de desfecho ou estruturação deficiente do relato.



Os primeiros trabalhos a utilizar as técnicas projetivas datam de 1855, com os trabalhos de Burckhardt sobre a Renascença Italiana, muito embora este termo ainda não estivesse na evidência definida por Freud a partir do caso Schereber, em 1913. Ele recriou as estruturas de personalidade e a atmosfera da época a partir da análise das obras de arte de um autor, partindo do pressuposto de que a obra reflete a personalidade do autor, bem como a época em que ele viveu. Sob essa premissa, Freud comenta algumas obras clássicas, e as características de seus autores, a exemplo de *Werther* de Goethe, em seu manuscrito de 1897, *Édipo-Rei* de Hamlet, as obras Leonardo da Vinci. (ANZIEU, 1981; ANASTASI & URBINA, 1996).

Inspirados no estudo das obras clássicas, muitos autores começaram a elaborar vários testes projetivos, alguns bastante semelhantes, com a finalidade de conhecer a personalidade dos indivíduos das mais variadas faixas etárias, crianças, adultos e idosos. Mesmo com os testes projetivos que aparentam uma certa distinção para com os demais, todos partem dos mesmos princípios teóricos; o registro de conteúdos inconscientes que têm dificuldades de manifestação à consciência. Dentre os testes mais conhecidos estão:

- a) HTP (HOUSE TREE PERSON) - Testes gráficos utilizados com crianças, adolescentes e adultos. No teste é solicitado que o sujeito desenhe uma casa, uma árvore, uma pessoa, a família de origem e a família ideal. A interpretação é baseada nos protocolos elaborados por diversos estudiosos e tem como referência o conjunto dos aspectos dos desenhos separadamente e em conjunto.
- b) TAT (TESTE DE APERCEPÇÃO TEMÁTICA) - Teste aplicado em adolescentes e adultos. É composto por 31 lâminas ou gravuras, mas devem ser aplicadas somente vinte, escolhidas de acordo com sexo e idade do examinando. Neste teste o sujeito é solicitado a observar a imagem e a partir daí narre uma história com início, meio e fim, a qual será registrada integralmente pelo psicólogo. A

interpretação é realizada tomando por base as interpretação dos conteúdos manifestos e latentes através das necessidades dos protagonistas, conflitos e ansiedade e resolução de problemas.

- c) FÁBULA DE DUSS - Teste utilizado mais freqüentemente com crianças, já que trabalha com temas restritos a vida dela. O teste é composto de várias fábulas ou histórias com trechos pré estabelecidos, de modo que a criança tenha que dar continuidade e fim a esta história. O teste é composto de dez fábulas, aplicado em uma única sessão, as fábulas são; Fábula do Pássaro, Fábula do Aniversário de Casamento, Fábula do Carneiro, Fábula do Enterro, Fábula do Medo, Fábula do Elefante, Fábula do Objeto Fabricado, Fábula do Passeio com o Pai e a Mãe, Fábula da Notícia e a Fábula do Sonho Mau. Cada fábula é dirigida a uma área da vida do sujeito e busca disparar a manifestação de conteúdos latentes reprimidos que possam estar provocando angústias.
- d) SIMONDS - Este teste foi criado Simonds, nos EUA, adaptando o TAT. É um teste indicado para adolescentes de 12 a 18 anos, de ambos os sexos. A princípio este teste foi criado com 42 lâminas, aos poucos foi sendo reduzido para vinte, tomando como referência aquelas que levavam os pacientes as melhores produções, de forma e conteúdo. As lâminas são aplicadas em duas sessões de uma hora cada com a aplicação de 10 lâminas. O paciente tem que contar uma história sobre a lamina que lhe é apresentada, com início, meio e fim.
- e) PIRÂMIDE DE PFISTER - Pressupõe que as cores desempenham e manifestam as emoções, para tanto, utilizam as cores. É apresentado ao sujeito uma série de quadrilhos e pede-se que ele construa uma pirâmide com eles, em seguida, pede-se que ele construa três pirâmides bonitas e três pirâmides feias. Na análise estão presentes os aspectos estruturais da pirâmide em conjunto



com as cores escolhidas, classificando-as de acordo com a ordem em que o paciente escolheu os quadrilhos. A análise tem por base a tabela de frequência das cores e das síndromes.

- f) RORSCHACH – O teste é composto por dez laminas com imagens representadas como “manchas de tinta”, que servem como disparador, pela ambigüidade das imagens, estimula a fantasia, e a percepção cognitiva. Os sujeitos são estimulados a descreverem o que vêem nas manchas inteiras e/ou em partes das imagens. A análise deste teste é bastante complexa, exigindo muito treino e domínio do examinador quanto ao instrumento.

Existe uma grande quantidade de instrumentos psicotécnicos cuja base interpretativa é a projeção psicanalítica. Alguns deles são largamente utilizados e até já conhecidos pela sociedade em geral, pelo fato de estarem presentes em avaliações psicométricas e processos psicodiagnóstico, os casos mais corriqueiros são de exame para carteira de habilitação, seleção de pessoal, orientação profissional, entre outros e outros são resguardados a situações específicas.

Muito embora haja uma vasta literatura sobre os testes projetivos e muitos profissionais utilizem estes instrumentos para fins diagnósticos, existem muitos questionamentos sobre a sua validade e fidedignidade deles, assim como sobre o arcabouço teórico que serve de interpretação. Isto ocorre pelo fato da teoria estar referendada em aspectos do psiquismo que não são passíveis de comprovação, e como tal, os resultados obtidos na aplicação dos testes projetivos não prevêem a perspectiva de reaplicação e controle de variáveis. Outra fragilidade surge em direção à interpretação dos dados obtidos, que prescreve o conhecimento de aspectos da vida do examinando para que a análise tenha maior profundidade. Estes instrumentos não possuem a natureza apropriada para adquirir a conotação científica, já que o rigor metodológico não é possível, tendo em vista que os resultados são tantos quantos forem os sujeitos.

Entretanto, os testes projetivos, por estarem referendados em uma interpretação de base analítica, que preconiza a existência do inconsciente, não poderiam cumprir os preceitos da ciência pura, pois prescreve a subjetividade humana em construção direta com o instrumento. Cada um desses instrumentos projetivos possui suas particularidades, com uma maneira própria de interpretar os resultados, além dos dados levantados terem uma base de análise, mas apresenta sempre algo peculiar do sujeito da aplicação, emitindo o caráter próprio do conteúdo inconsciente de cada indivíduo.

### Referências

- ANASTASI, A. & URBINA, S. Testagem Psicológica. São Paulo: Herder, 1996.
- ANZIEU, D. Os Métodos Projetivos. Rio de Janeiro: Campus, 3ª edição, 1981.
- CUNHA, J. (ORG.) Psicodiagnóstico – V. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- FREUD, S. Notas psicanalistas de um caso de paranóia. In: edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. XII, 1985.
- FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. XVIII, 1985.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. B. Vocabulário da Psicanálise. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes. 9ª ed. 1986.
- SANDLER, J. Projeção, identificação, identificação projetiva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- STEMBERG, R. J. Psicologia cognitiva. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

*Submetido em setembro de 2008*

*Aceito em Novembro de 2008*